

## ANÁLISE

# A cultura que vai ao hospital e à

A partir de Leiria, a Sociedade Artística Musical dos Pousos (SAMP), que tem Eça de Queiroz entre os sócios fundadores, leva práticas artísticas comunitárias aos lugares mais frágeis da experiência humana. Os projetos disseminam cultura e tempo de qualidade, combatem a solidão e a exclusão, facilitam o diálogo entre gerações e o encontro com o outro. Nalguns casos, preenchem o vazio de oportunidades em territórios onde faltam escolas, médicos e quase tudo

# D

epois de sete anos a cantar nos ensaios e espetáculos do projeto Ópera na Prisão, no Estabelecimento Prisional de Leiria – Jovens, Mathieu Pinto fala de “um orgulho que não há palavras para descrever” e exalta o sentimento de interpretar as obras de Mozart atrás dos muros da cadeia, como quem derruba juízos e preconceitos, ou cá fora, em momentos relâmpago de liberdade, a partilhar o palco com artistas profissionais. Foi assim no Teatro Miguel Franco, no Teatro José Lúcio da Silva, ambos em Leiria, e na Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa. “Eu era muito fechado, muito reservado, muito no meu canto. Aprendi a conviver mais com as pessoas, a dar oportunidades”, explica.

Pode perguntar-se o que têm em comum o ex-recluso Mathieu Pinto, 29 anos, atualmente a residir em Amarante, onde trabalha na indústria de lacagem, e a octogenária Fernanda Mendes, de Ribeira de Alge, Figueiró dos Vinhos; o que partilham os bebés nas primeiras aulas de som e movimento com a família e os acamados a expirar o último sopro de vida em quartos de hospital; o que liga Eça de Queiroz a Juvenal, Zulmira e Fernando, moradores das aldeias de Ateanha, Alcanadas e Mosteiro. E a resposta encontra-se na Sociedade Artística Musical dos Pousos, a SAMP, uma instituição de Leiria criada em 1873 que apresenta entre os sócios fundadores o autor de “O Crime do Padre Amaro” e que desde há anos atua nos espaços mais frágeis e minoritários da experiência humana.

As práticas artísticas desenvolvidas pela SAMP percorrem todas as etapas do berço até depois da morte e atraem apoios de entidades como a Fundação Calouste Gulbenkian, a iniciativa Portugal Inovação Social, a Rede Cultura 2027, que candidata Leiria a capital europeia da cultura, o BPI e a Fundação la Caixa. Acontecem em instalações próprias e em teatros, lares de terceira

idade, unidades de saúde, asilos psiquiátricos, na prisão e em habitações isoladas entre montes e vales no interior do país afastado dos grandes centros urbanos. A disseminar cultura e tempo de qualidade nos territórios onde a cultura não existe por motivos económicos, sociais ou geográficos, e a considerar a arte como linguagem para o encontro com o outro, a inclusão e o diálogo entre gerações.

## QUANDO O PALCO VAI A CASA

Propostas para todos, que procuram uma atitude justa e atenta ao próximo, e que, nalguns casos, preenchem o vazio nos lugares onde faltam escolas, médicos e quase tudo. Durante a pandemia, numa trégua do confinamento, Fernanda Mendes, 82 anos, recebeu o projeto Palco em Casa, para seniores em situação de isolamento nas aldeias mais isoladas dos concelhos de Figueiró dos Vinhos e Pedrógão Grande, no norte do distrito de Leiria, onde em 2017 os incêndios causaram morte e destruição. Espectáculos de bolso, por artistas profissionais, acostumados a auditórios repletos, em Portugal e no estrangeiro, a decorrer em salas de estar, pátios e eiras, às vezes para uma, duas pessoas.

O programa oferece poesia a Fernanda Mendes, mulher de quatro filhos, uma existência a trabalhar no campo, na indústria, em França nas limpezas, memórias que guarda em Ribeira de Alge, na casa que se recusa a abandonar. “É lindo, lindo. Saio do meu terraço e entro na água”. Não esquece a visita da SAMP e também tem versos para dizer: “Pensavas que eu que chorava, porque te foste embora, quem aprende a cantar, já não sabe quando chora”.

A relação intimista entre artistas e público regista-se noutra terraço, o da casa de Laura Santos, 99 anos de idade, em Cabeças, no

**“Eu era muito fechado, muito reservado, muito no meu canto. Aprendi a conviver mais com as pessoas, a dar oportunidades”, conta o ex-recluso Mathieu Pinto**





# à prisão, aldeia



João Cortesão

Peças de 13 museus chegaram a 13 aldeias. A entrega da última obra aconteceu em Fetelaria, Sobral de Monte Agraço



João Cortesão

Os seniores das aldeias participantes irão aos museus apresentar a reinterpretação das obras, num momento performativo, com o apoio da equipa artística da SAMP





## ANÁLISE

continuação

limite dos concelhos de Figueiró dos Vinhos e Alvaiázere, na manhã em que o acordeonista Pedro Santos e a bailarina Inesa Markava, vindos de uma digressão por Madrid, Barcelona e Santiago de Compostela, apresentam um alinhamento erudito em que se destaca o Libertango de Astor Piazzolla. Ao longo dos últimos meses, ocorreram 24 espetáculos em 12 aldeias, que tanto privilegiaram fados como violinos, ranchos e saltérios, bailarinas, poetas, revista à portuguesa, pintores, guitarristas e acordeonistas, num esforço que mobilizou duas filarmónicas e deu origem a um documentário em vídeo.

## MUSEUS E ALDEIAS

O mesmo propósito de arte para a última idade com o objetivo de mitigar a solidão descobre-se no projeto Museu na Aldeia, que Fernando Coelho, 72 anos, natural de Mosteiro, Pedrógão Grande, acredita ser “uma boa ideia”, “cultural” e “interessante”, que permite “falar sobre coisas antigas” através da música e do teatro. “Uma pessoa aprende sempre qualquer coisa”, conclui. E distrai-se, diverte-se. Peças de 13 museus da Rede Cultura 2027 chegaram a 13 aldeias, num total de 26 concelhos envolvidos. A entrega da última peça, em Fetelaria, Sobral de Monte Agraço, começa com uma encenação em que os colaboradores da SAMP parecem fugir de insetos imaginários, perante o riso do público, recolhido na sombra do quintal de uma casa particular. A obra, só destapada minutos mais tarde, chama-se “A Praga”, é da autoria do escultor português Alberto Vieira e pertence à coleção do Museu do Vidro da Marinha Grande.

Até setembro, é possível visitar, num circuito pelas aldeias, as peças deslocadas dos museus, em que se inclui, por exemplo, o Banco de David, de Susanne Paucker, que pesa três toneladas, do Centro de Artes das Caldas da Rainha para Ateanha, Ansião. Iniciado em dezembro, o projeto esclareceu a ideia de museu e de valor museológico a partir de objetos que os habitantes das aldeias têm em casa. A próxima etapa, de cocriação, decorre até ao final de 2022, ano em que os seniores das aldeias participantes vão ao museu apresentar a reinterpretação das peças, num momento performativo.

Presente no Palco em Casa e no Museu na Aldeia, Raquel Gomes, da SAMP, descreve-os como “projetos de amor, que têm a arte como mediador” e que proporcionam, a quem os dinamiza, “muita retribuição e satisfação interior” e, “de alguma

O projeto Palco em Casa, para seniores em situação de isolamento nas aldeias dos concelhos de Figueiró dos Vinhos e Pedrógão Grande, no norte do distrito de Leiria, proporcionou 24 espetáculos de bolso em salas de estar, pátios e eiras, às vezes para uma, duas pessoas, por artistas profissionais, acostumados a auditórios repletos em Portugal e no estrangeiro



**Durante a pandemia, numa trégua do confinamento, Fernanda Mendes, 82 anos, recebeu o projeto Palco em Casa**

forma, também crescimento”. Para os destinatários, fica uma experiência única. No Palco em Casa, alguns dos habitantes das aldeias “nunca entraram numa sala de espetáculos”. A SAMP proporciona-lhes “algo que nunca viram”: um violino, uma bailarina vestida a rigor, um repertório clássico.

## ATÉ À ÚLTIMA MORADA

Raquel Gomes está ainda, com David Ramy, no projeto Aqui Contigo, que acompanha doentes terminais no Centro Hospitalar de Leiria e que se iniciou para um recém-nascido, abandonado no hospital, que viria a morrer aos quatro meses, num quarto em que só estava a equipa da SAMP.

Numa sociedade que “foge da morte” e em que uma elevada percentagem de portugueses morrem sozinhos, o Aqui Contigo pretende garantir afeto e presença. “Massajar com o som e ir um bocadinho ao encontro dos gostos musicais da pessoa”, explica Raquel Gomes. “Temos de estar muito atentos e conseguir ler o que está do outro lado, através da pele, do toque, do olhar”.

A pedido de familiares, Raquel e David já tocaram em funerais. E planeiam realizar concertos de homenagem, baseados em canções compostas especificamente para cada doente e noutros temas revisitados ao longo do acompanhamento. A intervenção conclui-se depois da morte, com o luto da família.

O projeto também inclui doentes crónicos, em muitos casos considerados ausentes ou incomunicáveis, que nas sessões se mostram religados ao que os rodeia. “Há qualquer coisa que acontece”, reconhece Raquel Gomes. “Já Platão dizia que a música vai mais fundo na alma humana”.

## ARTE QUE REGENERA

Mathieu Pinto poderá dizer o mesmo. Para lá dos muros da cadeia, a música deu-lhe asas, através do “rap” e do projeto coordenado pela SAMP. “Vemos as coisas que nós próprios somos capazes de fazer com empenho e com foco, conseguimos ver que na vida conseguimos fazer tudo”.







João Cartesão



DR

A colaborar com estabelecimentos prisionais desde 2004, Paulo Lameiro, um dos coordenadores do projeto Ópera na Prisão, sublinha a necessidade de envolver os reclusos na cocriação, mas também os familiares e amigos, os guardas prisionais, as chefias e os técnicos de reinserção social, na tentativa de “conciliar a arte, a educação, a segurança, a legislação e a própria comunidade”. Daí a vontade de ampliar o alcance do Pavilhão Mozart, um centro de artes performativas a funcionar no Estabelecimento Prisional de Leiria – Jovens: “Estamos a trabalhar para que seja mais uma sala de espetáculos da cidade”.

O Ópera na Prisão encontra-se numa nova etapa, no projeto internacional Traction, em parceria com o Gran Teatre del Liceu de Barcelona, a Irish National Opera de Dublin e diversas instituições de investigação. As novas tecnologias digitais estão a ser decisivas para permitir, por exemplo, a participação em simultâneo de reclusos, artistas e familiares a partir da cadeia e do exterior.

Paulo Lameiro vê projetos culturais e artísticos como o Ópera na Prisão “a responder a alguns problemas” políticos e sociais num momento em que a União Europeia se debate com o crescimento do nacionalismo, da xenofobia e do racismo. Projetos que são, acredita o musicólogo e coordenador executivo da candidatura de Leiria a capital europeia da cultura, a demonstração “do que a arte quando articulada com a comunidade pode produzir”.

Desde há anos envolvida com idosos, doentes mentais crónicos e cidadãos portadores de deficiência, entre outros grupos mais expostos a contextos de fragilidade, a SAMP tem contribuído para a democratização da cultura e para a expressão artística enquanto ferramenta social. “Hoje não há dúvida de que investir em cultura e em artes que consigam responder à dupla condição de arte e socialização é muito importante”, diz Paulo Lameiro, para quem “fazer música é uma dimensão da evolução humana, material e biológica” do ser humano. E, “mais importante do que colocar músicos em palco, é colocar a música na vida de todas as pessoas”. **W**



Alguns dos habitantes das aldeias “nunca entraram numa sala de espetáculos”.

Sérgio Claro



Numa sociedade que “foge da morte” e em que uma elevada percentagem de portugueses morrem sozinhos, o Aqui Contigo pretende garantir afeto e presença

DR



O projeto com reclusos Ópera na Prisão encontra-se numa nova etapa, em parceria com o Gran Teatre del Liceu de Barcelona, a Irish National Opera de Dublin e várias instituições de investigação.